

## PALAVRAS DE PAPEL

Um dia, depois de uma noite mal dormida, ela decidiu não mais falar. Só assim poderia controlar as palavras que saíam de sua boca voando pela casa como bando de aves. Palavras vagas, palavras fúteis, palavras duras, palavras sem graça: todas fazendo barulho de maritacas que perturbavam o silêncio que esperavam dela. As palavras sem graça eram as mais difíceis de controlar. As vagas, bobas por natureza, a deixavam apenas cansada. Eram tantas e tão insistentes que às vezes vagavam soltas enquanto ela fazia suas tarefas diárias. As palavras fúteis quando apareciam deixavam a impressão de que podiam não ter sido ditas. Desapareciam rápido com o esquecimento. As palavras duras eram apenas vingativas, mas daquela vingança vazia que fica só na ameaça frívola que ninguém leva a sério. Mas as palavras sem graça... eram quase sempre inoportunas, pois apareciam com ares de importantes, queriam ter graça, mas o máximo que conseguiam era um sorriso forçado ladeado por ouvidos alheios.

Decidiu então trancá-las todas dentro de si, aprisionadas longe das cordas vocais. Porque se ficassem por perto daquelas pregas poderiam provocá-las e, forçando um pigarro indesejado, sair aos borbotões pela boca mal fechada. Os riscos de respingos de saliva e de má concordância verbal ou nominal seriam grandes. E ela, que gostava de falar um português correto, ultimamente vinha cometendo muitos erros vulgares. Trancou-as todas en-

tre o estômago, órgão habituado a porradas alimentares e emocionais, e o cérebro, que se julgava o líder daquele corpo mal-ajeitado e já envelhecido.

No início ninguém notou o seu silêncio. Não porque falasse pouco. Ao contrário. Seu falatório muitas vezes incomodava. O silêncio dela não foi notado porque havia muitos espaços naquela casa onde ele podia se abrigar marotamente, protegida por sons de TV, de rádio e de arrumações domésticas. Só notaram o seu silêncio após alguns dias porque ela passara a ficar sentada em algum canto da casa, irrequieta e com uma tosse enjoada porque as palavras faziam-lhe cócegas ao vagar agitadas, tentando escapar pelo céu da boca.

Os da casa diziam para ela falar alguma coisa. Mas não falavam isso com muito entusiasmo. No fundo estavam gostando do seu silêncio. Apenas perceberam sua agitação, principalmente nos pés, que se esfregavam um no outro, e nas mãos, sempre querendo fazer alguma coisa. Não sossegavam nem quando ela dormia. Nessas horas, poucas é verdade, às vezes acontecia de algumas palavras conseguirem fugir. Mas saíam embaralhadas umas às outras, formando frases sem estrutura compreensível nem significado conhecido.

Foi quando ela decidiu não mais dormir e manter pés e mãos atados. Inventar um mecanismo para atá-los foi a tarefa mais difícil, pois precisava andar pela casa e fazer o almoço, varrer o quintal, arrumar a cozinha, lavar, passar e guardar todas as roupas. Tinha ainda o automóvel que ela gostava de dirigir, principalmente para ir ao supermercado, onde conduzia o carrinho de compras pelos corredores estreitos, admirando mercadorias arrumadas

nas prateleiras. Nessas horas, de imenso prazer para ela, gostava de conversar consigo mesma, imaginando a reação de cada um dos seus com essa ou aquela guloseima. Escolhia uma ou duas iguarias para cada um e colocava no carrinho, tudo muito arrumado. Ao final de meia hora a quarenta minutos, seu carrinho estava cheio e sua cabeça vazia de preocupações. Isto sim era felicidade!

Foi após um de seus passeios pelo supermercado do bairro que concluiu meio por acaso que seu mecanismo para atar pés e mãos deveria ser invisível aos olhos alheios e o que fosse visto não poderia deixar que percebessem sua real finalidade.

Assim, passou a atar pés com longas caminhadas vespertinas. Andava por duas ou três horas seguidas. Às vezes pelas ruas do seu bairro, às vezes pelas ruas do mundo. Quando chovia ou fazia sol, andava pelas paredes da sala, pois não gostava de arriscar a sair pela cidade e se molhar com a chuva que caía ou com o sol que lhe castigava a pele. Em todos os casos, seu andar era sempre silencioso: sentada em uma cadeira – olhos fechados como se estivesse dormindo, mas bem abertos para suas memórias – andava sozinha. Lembrava das muitas ruas e parques por onde passara. Lembrava de filmes, de livros e de sonhos não realizados. Caminhava por horas sem sair de sua cadeira. Se divertia muito andando pelas paredes da sala nos dias de chuva. Havia muitos desvios e muitos caminhos estreitos a percorrer entre quadros, móveis, portas e janelas e enfeites em profusão. Sem falar nas luminárias que, quando acesas, deixavam um calor gostoso nas proximidades.

Com as mãos teve um pouco mais de trabalho. A mão

direita ela atou a uma caneta e deixou a esquerda livre para decidir entre apoiar em um bloquinho de papel azul ou em um caderno pautado, colocados no braço estreito da cadeira.

No início fazia pequenos traços sem forma definida. Mas, depois de atar as mãos e os pés, seu olhar para o mundo à sua volta tornou-se mais sereno, se bem que um tanto vago. As palavras não mais faziam cócegas, não se atropelavam mais e nem tentavam sair sem serem convidadas. Um dia elas pediram licença para sair. Traziam consigo uma ideia bem-vestida num texto elegante.

Ela então levou sua cadeira até a escrivaninha. Mão direita segurando a caneta, mão esquerda apoiada em uma folha em branco. Começou a escrever todos os dias, pelo menos três páginas, porque gostava do número três. Pouco depois, alguém lhe trouxe uma máquina de escrever e, passados alguns meses, quando ela já parecia uma datilógrafa que teclava só com os indicadores, lhe deram um computador. Esqueceu do almoço, do quintal e das roupas por lavar. Não foi mais ao supermercado. A casa parecia desarrumada. Contrataram uma empregada. E ela continuou a escrever. Texto claro, com palavras bem escolhidas, bem colocadas. Nada de palavras vagas, nem duras, nem sem graça. Todas tinham um sentido, uma finalidade e, principalmente, todas contribuía para a beleza do texto. Até nas tristes histórias de doença e morte. Ela só não deixava muito espaço para as palavras fúteis. Às vezes até colocava uma ou outra no meio da frase, enfeitando a ideia com suas futilidades. Mas era sua inspiração quem comandava a ordem das palavras e estas a obedeciam docilmente. Seus textos organizavam suas

ideias e domavam suas mãos e seus pés, que não mais precisavam de mecanismos para permanecerem atados em seu contínuo e sossegado silêncio. Assim, ela pôde enfim entender o poder de suas palavras: elas a libertaram.